
Catolicismo popular em Fazenda Souza: a prática das benzedeadas como patrimônio cultural

Popular catholicism in Fazenda Souza: benzedeadas practice as cultural heritage

Caroline Lipreri Andreolla*
Cristine Fortes Lia**

Resumo: Esta produção tem como objetivo articular as questões referentes à religião e à religiosidade ao patrimônio cultural, demonstrando a dinâmica que as envolve e, principalmente, o papel fundamental das questões religiosas na construção identitária da comunidade de Fazenda Souza, Distrito de Caxias do Sul - RS. Para o estudo, dialogam conceitos relativos ao Patrimônio Cultural Imaterial, disponíveis principalmente pelo Iphan relativos ao catolicismo popular, trabalhados por Cavalcante e Chagas (2009). Também se levou em consideração a construção da memória coletiva (Halbwachs, 1990) de Fazenda Souza abordada através da metodologia História Oral. O estudo de caso apresentado analisa as práticas das benzedeadas da região e sua relação com cura e fé evidenciada na comunidade local.

Abstract: This production aims to articulate the questions related to religion and religiosity to cultural heritage, demonstrating the dynamics that surround them and, especially, the fundamental role of religious issues in the identity construction of Fazenda Souza Community, Caxias do Sul District - RS. For the study, they discuss concepts related to Intangible Cultural Heritage, available mainly by Iphan to questions of popular Catholicism worked by Cavalcante and Chagas (2009). The construction of the Fazenda Souza's collective memory (Halbwachs, 1990), addressed through the methodology of Oral History, was also considered. The present study case analyzes the benzedeadas' practices, with their healing and faith relationships evident in local community.

* Graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestranda pelo PPGHIS da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na Rede Básica de Ensino do Rio Grande do Sul. *E-mail:* caroline.l.andreolla@gmail.com

** Doutora em História pela PUCRS. Professora no Programa de Pós-Graduação em História e no curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisadora do Instituto Religare/UCS. *E-mail:* cflia@ucs.br

Palavras-chave: História. Catolicismo popular. Benzeduras. Fazenda Souza. Patrimônio cultural.

Keywords: History. Popular Catholicism. Benzeduras. Fazenda Souza. Cultural heritage.

Introdução

Pensar em práticas de cura, por meio de benzeduras, em uma comunidade que se reconhece como católica, remete à necessidade de compreensão do fenômeno *catolicismo popular* no Brasil. Essas manifestações populares de cultura religiosa não são consideradas menos legítimas pelos seus fiéis. Segundo Souza, essas práticas religiosas geram sentido à experiência social que os indivíduos estão construindo, ressignificando a simbologia oficial do universo religioso. Assim, promove uma ruptura com a estrutura institucionalizada do catolicismo e a incorporação de novos elementos de fé. “O catolicismo popular é produzido, portanto, a partir de camadas sociais que se situam de forma subalterna em relação às estruturas de poder das quais a Igreja, enquanto espaço institucional, faz parte.” (2008, p. 127).

Souza também destaca que o catolicismo popular não pode ser entendido como mera simbiose entre as práticas leigas e as institucionalizadas, desenvolvidas pelos fiéis, mas como “um relacionamento marcado pela diversidade e complexidade”. (2008, p. 127). Da mesma forma, o caráter popular não serve para designar, meramente, o que não está reconhecido pela Igreja Católica.

Diante deste pressuposto, a conceituação de uma manifestação a partir da dicotomia oficial/popular, dominante/dominado mostra-se, no mínimo, incompleta, pois exclui a especificidade de cada manifestação de religiosidade que o historiador aborda. Ao adotar a análise considerando esta dicotomia, acaba por pulverizá-la, dado que cada prática analisada é apresentada como tendo uma existência forjada em virtude de outra prática considerada a oficial. (ANDRADE, 2008, p. 238).

No caso das práticas de cura, é possível observar uma dupla sobrevivência: tanto no que se refere à manutenção das crenças diante da medicina e seus avanços, como a fé em experiências curativas de caráter

religioso. Gestos, frases, conjunto de rezas, ervas e credibilidade de uma benzedura permitem crer na esperança de restauração da saúde, mesmo contrariando o discurso institucional da Igreja e a fala científica dos médicos.

A cura aqui se refere ao fenômeno pelo qual as pessoas recuperam a saúde física e mental, mas também serve para denominar a recuperação da segurança, do bem-estar, da honra, do prestígio, de tudo aquilo que seja reordenação do caótico, do imprevisível, do negativo em termos religiosos-ideológicos ou pessoais, em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo. (MINAYO, 1994, p. 66).

Assim, analisar as relações estabelecidas pelas benzedeadas, na região de Fazenda Souza, localidade majoritariamente católica e de descendência italiana, permite compreender a manutenção das curas pelo catolicismo popular, bem como a patrimonialização de uma prática em desaparecimento. Nesse caso, não se pensa em promover a manutenção das práticas, mas fazer o registro histórico da trajetória dessas benzedeadas,¹ cuja relevância social tende a ser esquecida. Este estudo busca impedir esse esquecimento.

Para isso, relacionam-se conceitos relativos ao Patrimônio Cultural Imaterial disponíveis principalmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) às questões do catolicismo popular trabalhadas por Cavalcante e Chagas (2009), aliando a teoria à realidade analisada em Fazenda Souza, bem como demonstrando a importância da memória coletiva, defendida por Halbwachs (1990) através da tomada de depoimentos e reflexão sobre os mesmos, utilizando a metodologia História Oral.

Sobre memória coletiva, Halbwachs constata que,

se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (1990, p. 51).

Percebe-se, então, que essa complexa relação entre as memórias individual e coletiva se dá em um local determinado do qual fazem parte membros com diferentes funções nessa sociedade e que, dependendo do lugar que ocupam, podem guardar memórias diferentes sobre o mesmo acontecimento ou se lembrar de fatos distintos.

Para que se tenha acesso a essa memória coletiva, busca-se, na História Oral subsídios para alimentar essa reflexão.

Alberti explica que é

uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (2004, p. 155).

O tema em questão está envolvido por questões religiosas e tabus no que se refere à discussão aberta na sociedade. Assim, se tem uma amostragem reduzida de depoimentos, fato que também está ligado ao número muito pequeno de benzedeadas, que continuam essas práticas populares na localidade. Observa-se a perda desse saber e o conseqüente desconhecimento sobre a prática. Essa avaliação é compartilhada, também, pelas entrevistas que compõem o escopo desta pesquisa. Foram realizadas entrevistas com três benzedeadas, sendo duas de forma direta e outra por meio da família. Apesar da busca por histórias de vida, utilizou-se a História Oral temática, já que a *conversa* se deu em torno de um tema específico.

Assim, por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. Decorrência natural de sua existência, a história oral temática pura deve promover debates com redes capazes de nutrir opiniões diversas. (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 38).

Dessa forma, depois de observação dos elementos da memória coletiva do grupo, foi elaborado e aplicado um questionário, com questões norteadoras às entrevistas. Essas foram analisadas nos termos da História Oral pura, sem mesclá-los com outras fontes.

A história oral plena, também conhecida como história oral pura, por sua vez, é mais completa, entende a elaboração e análise das entrevistas. A história oral plena se realiza em si, isto é, depois de elaboradas as entrevistas, traçam-se análises de várias pessoas contidas em um mesmo projeto, ou seja, na combinação das narrativas formuladas pelas entrevistas que lhes garante em si autonomia e consistência analíticas. Mais do que a história oral instrumental que apenas procede aos registros, a história oral plena exercita a análise fazendo as entrevistas dialogarem. Fala-se, pois de autonomia documental das entrevistas que se relacionam favorecendo debates internos. As análises, nesses casos, devem sempre ser comparativas, mesclando opiniões, pontos de vista ou fatos revelados em gravações que contenham *redes* de entrevistados com características próprias. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 16).

A História Oral pura, nesse caso, não é pensada como mera transcrição das entrevistas, já que nenhuma pesquisa com entrevistas contém total purismo. A elaboração das mesmas contou com fontes que permitiram a elaboração dos questionários. Foram necessários elementos norteadores para a apropriação da realidade das benzedeadas de Fazenda Souza, que permitiram a construção de diálogo entre as entrevistadas e o estudo em questão.

Da mesma forma, uma amostragem com três depoimentos pode parecer reduzida, mas revela muito da dinâmica dos atos de benzer. Conceder uma entrevista e a permissão para a publicação da mesma tornam de conhecimento público a prática da benzeção. Muitas benzedeadas² temem que essa “publicidade” atraia “olhares negativos” sobre sua vida. As práticas de cura por meios religiosos tendem a se confundir com curandeirismo, bruxaria e atos com o “diabo”. Então, as falas concedidas e registradas neste estudo revelam mais do que a colaboração das entrevistadas; evidenciam a coragem de se expor e o entendimento da necessidade de registrar as ações de benzer. E, de manter, por meio da história, esse registro às futuras gerações.

O catolicismo popular e a comunidade de Fazenda Souza

A comunidade de Fazenda Souza, Distrito de Caxias do Sul, é reconhecida pela sua produção agrícola de hortifrutigranjeiros e pela eligiosidade, tendo a presença marcante dos religiosos da Congregação de São José e das Irmãs Murialdinas. Assim, o catolicismo expressa a fé da maioria da população local. O ano de 2017 marcou um importante

acontecimento da Igreja Católica na localidade: a beatificação do Padre João Schiavo. Devido à sua atuação na comunidade, o túmulo do Padre João Schiavo passou a ser visitado e a receber pedidos de graça e agradecimentos. Sua fama de santidade foi crescendo e, em 2001, foi dado início ao processo de sua beatificação. Em 2007, foi inaugurado um memorial com seus objetos pessoais, fotografias, entre outros itens que compõem sua história e, em 2015, junto com o seu decreto de venerabilidade, foi inaugurada uma capela sobre seu túmulo. No ano de 2017, Pe. João Schiavo foi considerado beato pelo Vaticano.

Figura 1 – Aérea de Fazenda Souza



Fonte: Jornal *Pioneiro* – agosto de 2013.

Segundo a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Fazenda Souza possui cerca de 2.320 habitantes que residem em uma área total de 7.378 hectares, que representam 5,9% da área rural do Município. Conforme produções de outros pesquisadores,³ Fazenda Souza surgiu em um território que inicialmente se chamava Santo Antônio da Patrulha, que compôs, posteriormente, os Municípios de Vacaria, Osório, Taquara, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Torres, Veranópolis, Antônio Prado, Nova Prata, Bom Jesus, Rolante, Sananduva, Canela e Gramado.

Figura 2 – Mapa de Caxias do Sul



Fonte: Bascheira (2002, p. 11).

Em 1876, São Francisco de Paula se desmembrou de Santo Antônio da Patrulha e a atual comunidade de Fazenda Souza se tornou o que seria o seu 7º Distrito. Oliveira (1996) relata, em sua obra, que o primeiro proprietário dessas terras chamava-se Ignácio de Sousa Corrêa e que elas se chamavam “Pouso Alto”. Por isso, futuramente, nomearam o distrito como “Fazenda Souza”, pois os tropeiros que por ali passavam o reconheciam por esse nome. Bascheira traz em seu trabalho que

de acordo com o jornal Gazeta de Caxias, em matéria publicada em 1997, a chegada dos primeiros imigrantes italianos à Fazenda Souza ocorreu por volta de 1890. Outro grupo teria chegado em 1895. É interessante observar as diferentes atividades (agricultura, criação de animais e exploração da madeira) desenvolvidas no período mencionado, de 1880 a 1913. [...] Os primeiros imigrantes italianos se estabeleceram em Fazenda Souza [...] vindos de Feltre, Itália. (BASCHEIRA, 2002, p. 28).

Desse modo, pode-se perceber o início da construção dessa comunidade que, aparentemente, conserva heranças culturais de um passado vinculado à produção agrícola e à imigração italiana. Pouco se sabe sobre os primeiros habitantes dessas terras, os indígenas. Vestígios deixados por eles foram encontrados, e se acredita que pertenciam aos índios *caaguás*. (OLIVEIRA, 1996).

A fé e as crenças que os moradores de Fazenda Souza cultivam são herança de seus antepassados italianos vindos de Feltre, comuna italiana da região do Vêneto, e que, ao chegar às terras brasileiras, trouxeram consigo fervorosa adoração ao Beato Bernardino de Feltre. Com o passar do tempo e a formação da vila, a capela passou a abrigar celebrações em honra a diversos santos, tais como: Nossa Senhora da Saúde (atual padroeira da paróquia) e Santo Agostinho.

Percebe-se, já em sua formação, que a comunidade foi marcada pelo catolicismo popular, iniciando com a devoção aos santos, passando às festividades religiosas e aos pequenos rituais cotidianos, como a reza do rosário na casa de vizinhos e familiares, demonstrando, dessa forma, o intuito de trazer a religião para mais perto de sua realidade.

Assim, Cavalcante e Chagas apresentam o catolicismo popular como sendo

não eclesial não possuidor de um corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica, materializada em uma explosão íntima do sagrado, humanizando-o, tornando-o mais próximo, mais familiar, experimentando sua força por métodos criados pelos próprios devotos em detrimento dos métodos oficiais, transmitidos oralmente. (2009, p. 5).

É dentro desse amplo campo de religiosidade popular, que as práticas das benzedeadas, moradoras no citado distrito, continuam preservadas. São mulheres, na sua maioria, que aprenderam essa habilidade e continuam aplicando seus conhecimentos. São dois tipos de relatos que atestam essas práticas em Fazenda Souza: um da comunidade e outro das próprias praticantes. Na percepção genérica da comunidade, essas mulheres possuem conhecimentos, capacidades especiais de intervir em problemas somáticos e psicológicos de pessoas que acessam essas práticas. Já as benzedeadas vão além dessa avaliação, relatando suas experiências e seus registros, que perpetuam essas atividades do campo da religiosidade popular.

Benzeções em Fazenda Souza

Conforme Silva (2009, p. 10), “a existência das rezadeiras ou benzedeadas é muito antiga no Brasil e se origina da cultura indígena e, principalmente, da cultura africana, desde o período da colonização, pois esses conheciam as ervas e suas funções”. Portanto, se leva em consideração que, no decorrer dos anos, a forma como se deram essas benzeduras foi sendo modificada, adequada à realidade que as cerca, incorporando outros aspectos sociais e religiosos para melhor atender às necessidades do grupo que recorre a essas práticas.

Desse modo, não há como definir um padrão para o perfil das pessoas que procuram uma benzedeadas, já que

a benzeção como prática cultural atravessou os séculos, chegando até os dias hodiernos, com rupturas e permanências, bastante presente no cotidiano, mormente de pessoas das classes populares, mas não restrita a elas, porque a cultura não é estanque, fechada, limitada a um determinado estrato da sociedade. A cultura é dinâmica, modifica-se o tempo todo, pois dela participam homens e mulheres do povo, tanto quanto homens e mulheres da elite. (CAVALCANTE; CHAGAS, 2009, p. 2).

Em sendo assim, toma-se por conclusão que aqueles que buscam uma benzedura procuram encontrar uma solução para seus males, solução essa que não foi encontrada em outros âmbitos como no da medicina e no da própria religião do ponto de vista oficial:

Assim sendo, a complexidade do ser humano o leva a buscar ritos e símbolos que torne sua vida menos dura, mais inteligível, por isso, homens e mulheres, em nosso tempo procuram a benzeção como uma forma de responder suas necessidades que a religião e medicina oficiais não respondem satisfatoriamente. (CAVALCANTE; CHAGAS, 2009, p. 7).

Essa avaliação é partilhada em Fazenda Souza, local no qual ainda se pratica a benzedura. Entre as entrevistadas que colaboraram com este estudo, apresenta-se o relato de Lorita Turella, 62 anos, que nasceu e cresceu em Fazenda Souza. Acompanhou a trajetória de sua mãe Luiza Bonatto Turella como benzedeira e, com ela, aprendeu a benzer, ao vê-la realizando essa prática. Ao longo da entrevista concedida, Lorita relatou como iniciou a benzer por volta dos 18 anos e discorre um pouco sobre o perfil daqueles que iam à sua casa em busca de benzeção:

Tinha bastante gente para benzer. Era criança, era adulto, era [por causa de] cobreiro, era mau jeito, era quebrante; hérnia a minha mãe benzia, e eu aprendi assim. Na verdade, eu comecei a benzer numa ocasião em que a minha vizinha tava com um problema no joelho e ela não podia vir aqui se benzer e a minha mãe também não podia porque tava doente, então também não podia ir na casa da vizinha. Minha mãe disse: “Vai, vai e benze tu”. Eu fui, benzi e em dois, três dias no máximo, ela tava bem.⁴

Percebe-se, nas palavras de Lorita Turella, que a prática de benzer consiste em um saber familiar, uma espécie de dom que é transmitido pelas gerações. As entrevistadas revelam que elas assumiram o “ofício” na impossibilidade de seus mentores benzerem. Também destacam que não existe um aprendizado oficial, mas a observação e um “dom” natural para a prática da cura, bem como a fé em Deus, crença necessária para a realização da cura.

Figura 3 – Lorita Turella



Fonte: Acervo das autoras.

Além das benzeduras citadas, a benzeadeira comenta também ter aprendido a benzer para “tirar o sol e a lua das pessoas”, o que provocaria dores de cabeça. Com uma garrafa de vidro transparente cheia de água morna, ela coloca “um pano sobre a cabeça do benzido e sobre ele a garrafa virada com a boca para baixo”. Lorita diz⁵ que tanto ela quanto sua mãe nunca se negaram a benzer alguém, pois esse foi “um dom concedido por Deus a elas”, do qual também não podem se aproveitar pedindo gratificações ou pagamentos pela realização, também afirma que é católica.

Em seu sentido religioso, benzer significa “dar a bênção”, uma ação benéfica que um ser humano pode transmitir ao outro. A prática de dar a bênção ou tomar a bênção é algo inerente à sociedade cristã. Aparecendo como uma tradição que pode ser comprovada em vários trechos da Bíblia. (FLORESTA, 2016, p. 4).

Ainda, segundo a mesma autora, “o princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio da palavra, da oração, no qual o(a) benzeideiro(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura”. (FLORESTA, 2016, p. 5).

Lorita descreve a benzedura contra cobreiro (espécie de dermatite causada por aranhas) durante a qual, com um pequeno galho de arruda, faz movimentos em forma de cruz sobre o local enquanto profere as palavras: “É cobreiro brabo? Se é cobreiro brabo, desse cobreiro eu corto a cabeça e eu corto o rabo”. Então, com uma faca corta as duas extremidades do galho. Depois, passa novamente o galho dizendo: “Ramo do monte, água

da fonte. Em nome de Deus e da Virgem Maria”.⁶ A benção se repete por três dias e, então, a pessoa estará curada.

Muitas das doenças curadas pelas benzeduras não estão relatadas na literatura da medicina tradicional. Algumas, inclusive, apenas têm significado às próprias benzeduras, que estabelecem uma espécie de diagnóstico do mal apresentado. Esses males, segundo as entrevistadas, variam de problemas físicos a emocionais. Identifica-se, também, uma espécie de benzedura preventiva, pela qual os indivíduos são benzidos para não contrair moléstias físicas, emocionais e espirituais.

O segundo conjunto de experiências vem do relato de Stela Maris Andreolla,⁷ filha de Onorina Andreolla, falecida em 2010, que também benzia. Suas práticas de benzer não foram perpetuadas pela família que, apesar de orgulhar-se do conhecimento que Onorina tinha não deu prosseguimento às benzeduras, pois esse é “um dom para todos”, e a vida contemporânea “não permite dedicação para essas atividades”.⁸

Figura 4 – Onorina Andreolla



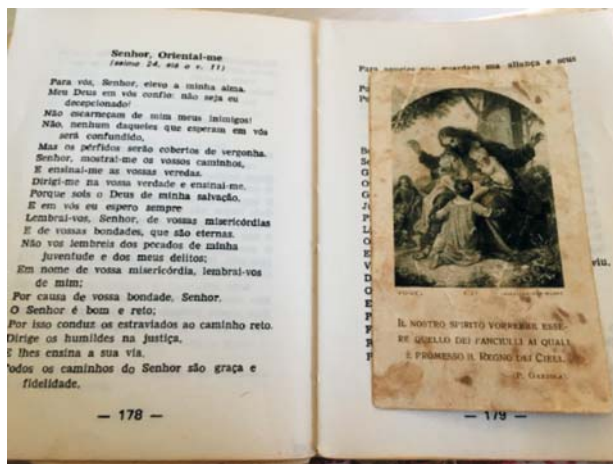
Fonte: Acervo das autoras.

Pouco do seu saber foi preservado, porém se mantém registradas as palavras proferidas por ela para benzer torções musculares. Enquanto movimentava um galinhozinho de laranjeira, antes submergido em água benta, também em forma de cruz, em cima do local, dizia: “O que eu cozo? Osso quebrado, carne rendida, nervo torto. Assim mesmo, eu cozo, em

nome das três pessoas da Santíssima Trindade, em nome de Deus e da Virgem Maria”.⁹

Onorina Andreolla guardava anotações das benzeduras dentro de um livro de orações de santos católicos, reafirmando as práticas de catolicismo popular, bem como isso denota a intenção de manter o vínculo com o catolicismo, revelando o rompimento de qualquer mal-entendido sobre suas práticas, já que, muitas vezes, o ato de benzer é interpretado como profano e bruxaria.

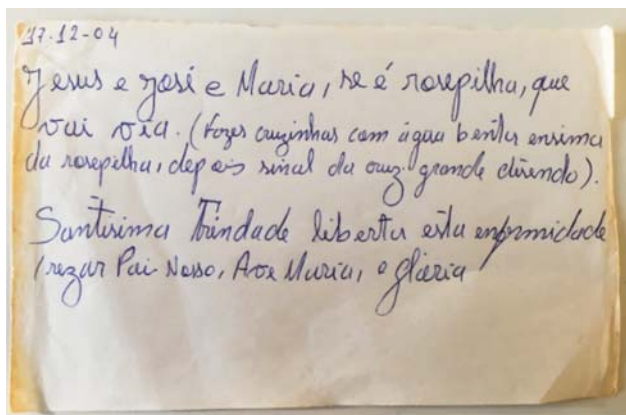
Figura 5 – Livro de orações de Onorina Andreolla



Fonte: Acervo da família Andreolla.

Ainda conforme as recordações da família Andreolla, Onorina também benzia o “mal de rosepilha”, uma infecção de pele, proferindo as palavras: “Jesus, José e Maria, se é rosepilha, que vá via. [...] Santíssima Trindade liberta essa enfermidade”.¹⁰ O mal de rosepilha¹¹ aparece com frequência em relatos das benzedeadas entrevistadas. A cura para essa enfermidade é busca recorrente entre os que procuram benzeduras.

Figura 6 – Registro de Onorina Andreolla das palavras e gestos a serem realizados durante a benzedura de “rosepilha”



Fonte: Acervo da família Andreolla.

A família recorda o grande número de pessoas que procurava os saberes curativos de Onorina e sua importância à comunidade, já que, assim como outras benzedadeiras, nunca se negava a atender a alguém que necessitasse de cuidados. Os saberes de Onorina, no entanto, não foram perpetuados pela família; nenhum dos filhos ou netos deu continuidade às práticas de benzer.

A terceira entrevista seguiu a narrativa das práticas de benzimento. Ercília Lorandi, 85 anos, em seu depoimento, conta que iniciou a benzer a pedido do marido que realizava benzeções.¹² No início, ela não queria aceitar, pois, segundo ela, “os padres depois dizem que a gente é feiticeira, e eu não sou, eu vivo com Deus”.¹³ Porém, depois de refletir sobre o assunto, iniciou as benzeduras com a morte de seu esposo. Ela relembra também que já sabia como benzer, porque, quando era jovem, acompanhava sua avó – e enfatiza que sua avó era de origem brasileira – durante as práticas. No caso da entrevistada, se observa a preocupação de ser confundida com bruxa, com alguém vinculado a práticas do mal, inquietação recorrente entre as benzedadeiras.

Ercília relata sua atividade: “Tudo o que existe que a gente pode benzer eu tenho feito, graças a Deus. O que pode ser benzido é rosepilha, cobreiro, mordida de aranha, é mau-jeito que dá no corpo conforme o que for fazer no trabalho [...] e da coluna tem me procurado pra benzer”.¹⁴ Ercília benze utilizando uma vela benta apagada, passando-a sobre o local com movimentos em forma de cruz como as demais benzedadeiras entrevistadas.

Figura 7 – Ercília Lorandi



Fonte: Acervo das autoras.

Tanto Lorita como Ercília relataram que também benzemanimais. Ercília comenta: “Quando é preciso, que vem e me pedem, eu benzo animais. Tem o Dorigatti aqui debaixo que tinha uma égua que andava em três patas e me trouxe pra benzer e eu benzi. Melhorou graças a Deus”.¹⁵ A benzeção de animais, segundo as entrevistadas, é recorrente, principalmente por se tratar de uma localidade marcada pela presença de propriedades rurais.

Percebe-se, assim como mostram Cavalcante e Chagas (2009) que, ao atender aos anseios dos que as procuram, as benzedeadas também apresentam um papel político na comunidade em que se encontram, podendo destacar-se pela liderança, influência e apreço comunitário: “As benzedeadas assumem um papel político, à medida que sua prática produz respostas às necessidades de homens e mulheres que não encontram na religião e medicina oficial”. (CAVALCANTE; CHAGAS, 2009, p. 9). Porém, Lorita e Ercília comentam em suas entrevistas que preferem preservar-se porque acreditam que há preconceito com relação à essa prática.

Quando perguntada se pretendia ensinar a alguém esse saber, a entrevistada Lorita respondeu, prontamente, que *sim*, já que não quer que este conhecimento popular se perca¹⁶. Já Ercília diz que seus familiares não têm interesse.¹⁷ Comprova-se, a partir disso, a importância da preservação do patrimônio cultural como a prática das benzedeadas presente no Distrito de Fazenda Souza. Uma vez que o saber pode se perder pela falta de perenização das práticas, é importante preservá-las como patrimônio.

A Constituição Federal brasileira de 1988 prevê a preservação dos patrimônios culturais, do qual faz parte a prática das benzeduras e sintetiza o que ele representa:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC nº42/2003)

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, p. 137).

De acordo com o IPHAN, “os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares”. (Iphan, 2016). Para a Unesco “o Patrimônio Cultural Imaterial, ou Intangível, compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”. (Unesco, 2016).

Por estarem presentes desde o início da formação do distrito, as benzeduras se transformaram em um meio de olharmos à cultura, à religiosidade e ao convívio social que ali foi estabelecido, caracterizando-se como Patrimônio Cultural Imaterial do local, aspecto importante no levantamento da identidade e da história de Fazenda Souza.

Considerações finais

A partir das entrevistas, é possível sugerir que a busca pelas benzeduras ainda está presente em Fazenda Souza. As pessoas que procuram por essa prática sofrem de problemas de saúde que não conseguiram sanar através da

medicina ou da religião tradicional. Também se percebe a influência da herança cultural deixada pelos antepassados de que as benzedeadas são capazes de curar esses males. E, muitas vezes, mesmo com a cura garantida pelos métodos medicinais científicos, a benzeção aparece como um *acréscimo* na certeza de recuperação. Assim, mesmo durante um tratamento médico convencional, com resultados positivos, é comum buscar a ajuda de benzedeadas, no sentido de assegurar a totalidade da cura.

As entrevistas realizadas comprovam que o ato de benzer passa de geração em geração. Assim, em geral, as filhas aprendem com a mãe, mesmo que dela não recebessem instruções; viviam nesse meio e, de tanto presenciar a atividade, acabaram por reter esse conhecimento. Outras formas de transmissão do saber também podem ser identificadas, como por meio de casamento. Um cônjuge transmite ao outro, perpetuando, assim, as formas de benzer.

O universo de atuação das benzedeadas é amplo. Prestam auxílio a pessoas e a animais, podendo, ainda, benzer artefatos, como roupas ou brinquedos. Essa interação com a comunidade, no entanto, nem sempre é bem-vista. Disputas com poderes locais e religiões institucionalizadas podem despertar atenção negativa sobre as práticas de benzer, o que intimida algumas pessoas a falar sobre o assunto. Nesse sentido, se identificam as tensões estabelecidas dentro do catolicismo popular. As curas são reconhecidas pela comunidade, mas deslegitimadas pela Igreja.

Apesar de toda a relevância social, se observa a fragilidade da perpetuação do saber. A dinâmica da vida contemporânea, a urbanização e o aumento da escolaridade são fatores, entre outros, que impedem a manutenção dessa prática de benzer. Como foi narrado pelas entrevistadas, esse ofício exige dedicação integral. Benze-se em qualquer dia e a qualquer hora e sem remuneração fixa, já que as benzedeadas acreditam que o ato não pode exigir de pagamento.

Torna-se difícil conciliar essas práticas com as expectativas das novas gerações, o que promove a demanda de patrimonialização da benzedura em Fazenda Souza. Tornar patrimônio não significa evitar o desaparecimento da prática, mas registrar historicamente, para as futuras gerações, a importância dessas benzedeadas e de seu papel social na comunidade estudada.

Notas

¹ Essa pesquisa encontra-se em estágio inicial. Busca, neste primeiro momento, constituir um banco de memória, com o registro dos depoimentos das benzedeadoras moradoras em Fazenda Souza.

² Nem todas as benzedeadoras consultadas aceitaram dar entrevista. Existe um temor com relação à publicação das mesmas e à *fama* que isso pode gerar. Mesmo sendo as práticas de conhecimento da comunidade, fazer um relato escrito, com detalhes e com a narrativa da dinâmica de benzer, foi intimidador para algumas pessoas.

³ Bascheira (2002) e Oliveira (1996).

⁴ Entrevista concedida às autoras em 6 de janeiro de 2017.

⁵ Entrevista concedida às autoras em 6 de janeiro de 2017.

⁶ Entrevista concedida às autoras em 6 de janeiro de 2017.

⁷ Entrevista concedida às autoras em 26 de agosto de 2018.

⁸ Entrevista concedida às autoras em 26 de agosto de 2018.

⁹ Entrevista concedida às autoras em 26 de agosto de 2018.

¹⁰ Conforme registros deixados por Onorina Andreolla.

¹¹ Nesse trecho, tem-se o exemplo dos males tratados pelas benzedeadoras que não, necessariamente, encontram significado na literatura médica.

¹² Lamentavelmente, Ercília Lorandi faleceu pouco tempo depois de ser concedido sua entrevista.

¹³ Entrevista concedida às autoras em 7 de janeiro de 2017.

¹⁴ Entrevista concedida às autoras em 7 de janeiro de 2017.

¹⁵ Entrevista concedida às autoras em 6 de janeiro de 2017.

¹⁶ Entrevista concedida às autoras em 7 de janeiro de 2017.

¹⁷ Entrevista concedida às autoras em 6 de janeiro de 2017.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. *Projeto História*, São Paulo, n. 37, dez. 2008.
- BASCHEIRA, Deise Angélica Pasquali. *Colônia Caxias e a área dos Campos de Cima da Serra: encontro e cooperação entre duas culturas – sociedade pastoril e imigração em Fazenda Souza – Século XIX*. 2003. Monografia (Especialização em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2002.
- BRASIL. *Constituição* (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais 1/1992 a 52/2006 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão 1 a 6/1994. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.
- CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. *Religiosidade popular e catolicismo oficial: o eterno contraponto*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15505415-Religiosidade-popular-e-catolicismo-oficial-o-eterno-contraponto.html>>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- CAVALCANTE, Joel Martins; CHAGAS, Waldeci Ferreira. As mulheres benzedeiças: entre o sagrado, a saúde e a política. *Anais do II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais – Culturas, leituras e representações*. 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11178863-As-mulheres-benedeiças-entre-o-sagrado-a-saude-e-a-politica.html>>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- FLORESTA, Suzana Rodrigues. As benzedeiças do Oeste goiano: resgatando uma história. *Anais do Congresso Internacional de História: Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas*. 2016. Jataí – GO.UFG – Regional Jataí. 11 p. Disponível em: <http://www.congresso2016.congressohistoriajatai.org/resources/anais/6/1477881427_ARQUIVO_ArtigoCongressoInternacionaldeJatai2016SuzanaR.Floresta.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- IPHAN. BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial: inventários participativos : manual de aplicação/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. Brasília-DF, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/InventarioDoPatrimonio_15x21web.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- _____. *Patrimônio imaterial*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações da cura no catolicismo popular. In: ALVES, P. C., MINAYO, M.C.S. (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

OLIVEIRA, Sebastião da Fonseca de. *Aurorescer das sesmarias serranas*. Porto Alegre: EST, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Coordenadoria Distrital/ Subprefeituras: Histórico de Fazenda Souza. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br/coordenadoria_distrital/texto.php?codigo=31>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SILVA, Claudia Santos da. Rezadeiras: guardiãs da memória. Anais do V ENECULT – Encontro de Estudos

Multidisciplinares em Cultura. 2009. 16 p. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf> Acesso em: 6 jan.2017.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. *História Unisinos*, v. 12, n. 2, maio/ago. 2008.

UNESCO. *Patrimônio Cultural Imaterial*. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> Acesso em: 6 jan. 2017.